

## Ética e processo criativo em Lia Rodrigues

Rodrigo Garcez

(artista e pesquisador - ECA/USP)

**Palavras-chave:** ética, processo criativo, Lia Rodrigues, antropofagia nômade, mestiçismo cultural

Impossível pensar sobre o processo criativo da coreógrafa Lia Rodrigues sem levar em consideração a ética que perpassa o mesmo, sobretudo em suas reverberações no coletivo, seja no âmbito de sua companhia de dança ou em seu trabalho aplicado à comunidade. A criação de redes de colaboradores é sublinhada por Lia como uma das maneiras vitais de permanecer em busca de novas referências artísticas e, sobretudo de novos públicos que vejam a arte como uma maneira possível de reforçar a cidadania. Em entrevistas concedidas ao pesquisador, Lia mapeia as raízes de seu pensamento e critica as relações viciadas que a arte brasileira mantém com os grandes centros do hemisfério norte. A implosão do conceito de identidade nacional, via *mestiçismo* estético, e a liberdade para criar para além do folclore ou de qualquer nacionalismo barato são idéias chave em sua poética.

### A ética na escultura de si

A ética em Lia Rodrigues não faz concessão alguma à domesticação das inquietações estéticas frente à qualquer política que se instaure fora da criação estética. Sua ética vem de um rigor absoluto na construção de si, na qual o artista se coloca no mundo não como antena de uma raça inexistente, mas como a ponta de uma lança que abre feridas em diversos tecidos que se descortinam sobre seu olhar. Seu processo é uma contínua busca por um método como vemos abaixo em entrevista concedida ao pesquisador e ao Dr. Dundjerovic:

LIA - Não sei o que é método, sei somente do trabalho, talvez meu método seja estarmos juntos por um longo tempo, descobrindo coisas juntos. Agora eu tento criar estratégias para ser criativa como nos haikais ou no *oulipó* de Perec; para mim a criação é uma série de estratégias que o artista inventa para si próprio, questões, diálogos, um juntar de referências. (...) Você pode criar um momento de estabilidade que se desvanece logo em sequência. Não existe resposta para isso, somente prática.(...) estou sempre procurando por um método, ao mesmo tempo que não consigo instituí-lo. Isso às vezes me deixa frustrada, (...) então tento,

com muita concentração, compartilhar meu conhecimento prático e meu espaço de instabilidade (as preocupações com a criação).

Ainda que haja uma abundância de referências em seu trabalho, há evidentemente muita técnica para sintetizar e organizar este cenário. A artista usa a metáfora visual da construção de um lago que abarca a todos os envolvidos no processo coreográfico; neste lago, cada idéia trazida é um pequeno peixe que será gestado nas profundezas deste lago comum e cada membro do grupo pode alimentar qualquer um destes peixes-idéias. Ao final se dá uma pescaria coletiva dos peixes, agora enquanto *insights* criativos para o corpo em cena.

Foucault (2006:265) nos ajuda a pensar estes procedimentos de autoafirmação do sujeito enquanto novo asceticismo, não como simples renúncia, mas, nas palavras do autor, como “um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser”. Certamente há uma analogia entre estes exercícios e as estratégias criativas mencionadas por Lia Rodrigues. Para o autor, essa parte racional da liberdade é a própria ética expressa corporalmente num *ethos* visível aos outros. Assim de uma autoregulação do artista, em função dos códigos que ele partilha com sua cultura, surge uma atitude ética que transcende seu corpo e pode vir a se materializar em performance perante o grupo, ou em outras palavras, esse cuidado de si reverbera no social.

### Antropofagia nômade

Sem dúvida Lia pratica o mestiçismo estético seja por trabalhar quase sempre entre as duas margens do atlântico ou ainda por ser uma resultante de diversas influências agregadas ao longo de seu tempo de vida. Sua estética poderia ser o “*no man’s land*” do objeto mestiço definido por Serge Gruzinski ou uma resposta ao corpo colonizado? Ainda que Gruzinski (2004:253) estructure o objeto mestiço dentro de uma perspectiva eurocêntrica, seu conceito nos interessa por misturar formas e conteúdos oriundos quase sempre dos continentes americano e europeu. A mestiçagem resultante responde ao desejo fetichista do velho continente ao mesmo tempo que reifica o dualismo entre puro e impuro, autêntico e cópia. Em todo caso temos uma relação centro-periferia. Sobre isso, Lia comenta:

“O comportamento das nações, pretensamente chamadas, centrais frente aos produtos periféricos (...) é como no campo econômico, aonde eles nos tratam como fonte de matéria prima e importadores de produtos refinados europeus, especialmente os estéticos. Assim, o circuito das artes é dirigido por um critério hegemônico baseado no valor da precedência

(anterioridade). A cultura dominante tem o privilégio sobre aquilo que é chamado de “novo”.

Essa resistência em considerar outros pólos na produção de arte contemporânea, para além de qualquer exotismo ou regionalismo folclórico é uma estratégia clara de dominação cultural fortemente arraigada no capital. Entretanto, como sustenta Gruzinski, esta produção mestiça impõe a construção de pontes entre estes grandes centros e a dita periferia, sendo uma amostra clara do quanto as sociedades podem enriquecer-se ou devorar-se mutuamente. Nada mais aterrorizante para o imaginário europeu do que ver seu patrimônio, especialmente o cultural, sendo devorado por sociedades não européias. Este horror à perda de controle e uma possível diluição cultural, são sempre justificativas para manter-se uma atitude conservadora que em geral impera na Europa. Dentro deste medo conservador, o novo é sempre bem vindo caso tenha sido gestado dentro de parâmetros europeus, os ditos critérios de precedência que Lia cita.

Voltando ao objeto mestiço, sem dúvida há um elemento de destruição intrínseco já que ele é uma resultante de várias referências culturais e principalmente de forças políticas que atuaram, ou atuam, em seu processo. O mestiçismo estético de Rodrigues é do mesmo tipo do definido por Canclini onde a cultura híbrida surge do entrecruzamento entre popular e erudito, como em *folia I* (1996) e *folia II* (1997), ou do regional com o internacional, como em “*aquilo de que somos feitos*” (2000). Em vários de seus trabalhos e especialmente em “*aquilo...*” vemos o corpo dos bailarinos numa mescla constante de linguagens, que vão de elementos de ginástica rítmica, passando por balé, artes marciais, entre outros. Essa profusão de técnicas corporais distintas também prova que Lia não tem receio de criar coreografias mestiças que se apresentam e dialogam com diferentes culturas.

Antropofagia nômade pode ser um dos nomes para essa mestiçagem estética de Lia, quando, segundo Rouanet (1998), temos o ato antropofágico oswaldiano sem a preocupação endógena da tribo, sem a preocupação com o projeto modernista de construir uma cultura brasileira. Na antropofagia fragmentária do século 21, é preciso ser nativo, sentindo-se em casa em qualquer lugar, mas também permanentemente exilado. Essa mudança de perspectiva na criação, pela qual todo artista exilado passa, é capaz de balançar os alicerces da própria construção social que ele faz de si. Complementando Rouanet, trata-se do caso de criar uma ética complexa no cuidado de si, que seja porosa o suficiente para admitir *inputs* estranhos a sua cultura, ao mesmo tempo em que responde rapidamente a essas mudanças. A identidade nômade, em constante processo de reconstrução é a resultante dessa antropofagia

experimental, sem medo de flertar e comer as luzes e sombras de outras culturas, sem julgamentos morais conservadores no intuito de criar uma cultura brasileira pura.

Rouanet segue citando o termo paradoxal e múltiplo “*aufheben*” de Hegel, aparecendo no texto com o sentido de transcendência acompanhado de negação e preservação na prática desta nova antropofagia cultural, que “consiste em negar todas as particularidades, em preservá-las e em integrá-las, dialeticamente, num universalismo concreto que conserva e transcende as diferenças”. Certamente falamos de um juízo de valores múltiplo no qual o antropófago ao abrir-se para o novo/outro, preserva alguns elementos, nega outros ao mesmo tempo em que, usando sua ética enquanto escultura de si, transcende alguns destes elementos em direção ao mestiçismo estético.

Uma nova ética que dê conta dos processos criativos da arte contemporânea passa necessariamente por uma estética da liberdade aonde não há separação entre arte e vida, sendo que talvez a maior obra seja a eterna construção de si. Este artista, como diz Onfray (90:1995), “transfigura suas atitudes em forma e extrai da estética da existência a estetização da vida”. Lia Rodrigues e suas obras são um exemplo de arco entre estes dois continentes, o ético e o estético, numa eterna reinvenção da artista enquanto antropófaga nômade. Seu caos está organizado em fluxos ético-estéticos que formam redes com seus colaboradores e em certa medida com seu público, também convidado a nadar no lago por eles construído. Em seu caso a escultura de guerreira construída para si reverbera numa cena combativa e híbrida.

## **BIBLIOGRAFIA**

- CANCLINI, N.G. **La globalizacion imaginada**. Paidós. Cidade do México, México. 1999.
- DUNDJEROVIC e RAMOS L.F. **Contemporary Brazilian Theater**. editora McGill (no prelo). Toronto, Canadá. 2010
- FOUCAULT, M. Ética e o Cuidado de si como prática da liberdade. IN: **FOUCAULT, M. Ética, sexualidade, política. Michel Foucault**;/ Manoel de Barros da Motta (org). Forense Universitá, Rio de Janeiro. 2006.
- GRUZINSKI, S.O que é um objeto mestiço IN **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Sandra Jatahy Pesavento (org) Edusc, Bauru 2004
- ONFRAY, M. **A escultura de si**. Rocco, Rio de Janeiro, 1995.
- ROUANET, S. P. - **Manifesto antropofágico: 70 anos depois** Disponível em [http://www.donthomaz.kit.net/thomaz\\_magalhaes/pag\\_1224320\\_024.html](http://www.donthomaz.kit.net/thomaz_magalhaes/pag_1224320_024.html) (acessado em 29/09/2009).